

José Rosa Sampaio

\*

## Os Monchiquenses Mortos na Guerra Colonial (1961-1974)



### INTRODUÇÃO

Recentemente tive a oportunidade de publicar um artigo sobre dois monchiquenses que morreram na Guiné, em 1965, durante a mesma operação militar e posteriormente outro com a relação dos mortos monchiquenses desta guerra.

Para a Guerra Colonial, que teve lugar nas colónias de Angola, Moçambique e Guiné, entre 1961 e 1974, foram mobilizados mais de duas centenas de jovens do concelho, tendo vários deles perdido a vida e outros ficado com deficiências e doenças de várias tipos, incluindo o hoje tão falado “stress de guerra”.

Embora se soubesse que nos três cemitérios do concelho de Monchique tinham sido sepultados cerca de duas dezenas de militares falecidos nas três frentes da guerra, faltava-nos a confirmação da maior parte dos seus dados pessoais, para além dos fornecidos por familiares ou presentes nas campas que ainda restam.

Mais recentemente, fomos encontrar no site e fórum “Guerra do Ultramar”, do ex-furriel miliciano António Pires, uma página dedicada aos “Mortos na Guerra do Ultramar – Concelho de Monchique”, onde se encontram os nomes e informações sobre 20 naturais do concelho, falecidos em Angola, Moçambique e Guiné, entre 1961 e 1974, relação que veio completar a lista de doze mortos que eu já possuía. A estes há que acrescentar o furriel José Carlos Martiniano Marreiros, que por ter nascido acidentalmente em Lisboa, não consta dessa lista.

Dos vinte mortos apenas oito aparecem referidos como tendo caído em combate, tendo os restantes morrido de acidentes diversos e de doença, o que não significa que alguns não tenham morrido em situação de combate e perigo de vida. Dez faleceram em Angola, seis na Guiné, e cinco em Moçambique.

Uma vez que a relação dos nomes é feita por concelho e freguesia de origem, é natural que alguns destes combatentes já não morassem no concelho, à data da sua mobilização.

Interessante seria poder-se dispor um dia de uma relação de todos os combatentes do concelho que foram mobilizados para as guerras de África.

## RELAÇÃO DOS FALECIDOS

É de justiça deixar aqui os nomes desses heróis e mártires, alguns deles ainda com familiares e amigos no concelho:

**António Floriano Nascimento** – Natural da freguesia de Monchique, era 1.º cabo de Cavalaria e faleceu de acidente, em Moçambique, a 12 de Setembro de 1972.

**António Joaquim Marques** – 1.º grumete da Armada, era natural da freguesia de Monchique e faleceu de acidente, em Angola, a 19 de Dezembro de 1971.

**António José Duarte Silva** – Soldado de Cavalaria, era natural de Marmeleite e pertencia à 3.ª Companhia do Batalhão de Cavalaria 8324/73. Faleceu em combate em Angola, em 17 de Maio de 1974, tendo a sua morte ocorrido já depois da Revolução do 25 de Abril. Está sepultado no cemitério da sua freguesia. Era tio do capitão José Paulo Silva Bartolomeu, natural de Marmeleite, recentemente condecorado pelo governo italiano, por serviços prestados no Afeganistão, no âmbito da ISAF.

**Avelino Martins António** – Era natural do Alferce, e 1.º cabo atirador da Companhia de Caçadores 727. Tombou na estrada de Madina do Boé/Gobije, em 30 de Janeiro de 1965, juntamente com outro monchiquense, o soldado José Maximiano Duarte. Foi inumado no cemitério de Nova Lamego.

**Joaquim da Silva João** – Soldado pertencente à Companhia de Cavalaria 3361, adida ao Batalhão de Cavalaria 3845, era natural do sítio do Melão (Monchique). Morreu em combate, em Angola, a 15 de Agosto de 1972.

**José António da Assumpção Rosa** – 1.º cabo de Transmissões, nasceu em Monchique a 17 de Maio de 1951 e faleceu de doença, em Moçambique, a 8 de Julho de 1974.

**José António da Ascensão Inácio** – Soldado de Engenharia, natural da freguesia de Monchique, pertencia à Companhia de Transportes 335. Morreu em Angola, de acidente, a 30 de Outubro de 1961.

**José António Nobre Baiona** – Nasceu em Monchique em 1935, filho de António Francisco Baiona Júnior e de Maria José Nobre Baiona. Furriel da Força Aérea faleceu em situação de combate, em Angola, a 8 de Junho de 1961, com 26 anos, devido ao seu avião ter caído na mata com mais dois companheiros, também falecidos. Foi condecorado postumamente com a Ordem da Torre e Espada. O seu corpo foi depois recuperado e trasladado para o cemitério de Monchique.

**José António Valério Malveiro** – Soldado da Companhia de Caçadores 93, do Batalhão de Caçadores 92, era natural da freguesia de Monchique e morreu em combate em Angola, a 13 de Junho de 1961.

**José Carlos Martiniano Marreiros** – Embora tivesse nascido acidentalmente na Maternidade Alfredo da Costa, na freguesia de S. Sebastião da Pedreira (Lisboa) era monchiquense e morador nas Caldas de Monchique. Furriel graduado dos Serviços de Material pertencia ao célebre Batalhão de Caçadores 96. Morreu de doença, a 12 de Novembro de 1963. Está sepultado em campa de família, no cemitério de Monchique.

**José da Silva Duarte** – Soldado de Infantaria pertencia à Companhia de Caçadores 535/Batalhão de Caçadores 595. Era natural de Marmeleite e faleceu em combate, em Angola, a 14 de Abril de 1964.

**José Inácio Duarte Domingos** – Natural de Marmeleite era soldado de Infantaria e pertencia ao Batalhão de Caçadores 1878. Morreu de doença, em Moçambique, a 4 de Março de 1966.

**José Joaquim Águas de Sousa** – Nasceu em Monchique a 15 de Novembro de 1940. Era 1.º cabo de Cavalaria, do Batalhão de Cavalaria 358, e morreu de acidente, em Angola, a 15 de Novembro de 1962.

**José Joaquim Ferreira Duarte** – Natural da freguesia de Monchique era 1.º cabo da Companhia de Caçadores 536. Morreu em Moçambique, de doença, a 21 de Novembro de 1964.

**José Maximiano Duarte** – Soldado atirador pertenceu à Companhia de Caçadores 727, sendo natural da freguesia de Monchique. Gravemente ferido durante a acção da picada de Madina do Boé/Gobije, em 30 de Janeiro de 1965, pereceu no hospital de Bissau, em consequência dos ferimentos recebidos em combate. Ao contrário do seu companheiro de infortúnio, Avelino Martins António, que ficou num cemitério da Guiné, o corpo de José Maximiano foi depois trasladado para o cemitério de Monchique.

**Lino do Nascimento Amado** – Natural de Marmeleite era soldado de Artilharia, do Batalhão de Artilharia 733. Morreu de acidente com arma de fogo, na Guiné, a 1 de Novembro de 1965, tendo sido sepultado no cemitério de Bissau.

---

A Companhia de Caçadores 727 foi formada no Regimento de Infantaria n.º16, de Évora. Chegou à Guiné a 14 de Outubro de 1964 e fez a instrução de adaptação operacional em C6-Pelundo e Prábis. Em Novembro de 1964 destacou um dos pelotões para reforço do Batalhão de Caçadores 506, que foi reforçar a guarnição de Madina do Boé. Em 5 de Dezembro, do mesmo ano, a unidade foi transferida para reforço e reserva da Companhia de Caçadores 512, mantendo um pelotão em Madina do Boé. A Companhia tomou parte em diversas acções levadas a cabo na região de Nova Lamego e Madina do Boé, sendo de destacar a emboscada montada contra o inimigo na estrada de Madina do Boé/Gotije, que causou grande número de baixas ao inimigo e dez mortos entre as nossas tropas (dois deles alferes milicianos), contando-se entre os que caíram os nossos dois conterrâneos. Finda a comissão a unidade regressaria à metrópole em Agosto de 1965. Desta companhia fazia parte pelo menos mais um monchiquense.

José Martins, «Madina do Boé (Contributo para a sua História)», revista *Combatente*, n.º 337, Setembro de 2006.

Este foi o primeiro avião desaparecido durante a Guerra Colonial.

Unidade militar que, sob o comando do portimonense, tenente-coronel Armando Maçanita tomou Nambuungongo a 9 de Agosto de 1961.

José Martins, «Madina do Boé (Contributo para a sua História)», revista *Combatente*, n.º 337, Setembro de 2006.

**Luciano Florêncio “Bento”** – Soldado atirador, pertencia à Companhia de Comandos 726 e foi morto em combate, na Guiné, a 7 de Setembro de 1965, tendo sido sepultado no cemitério de Monchique.

**Manuel da Silva** – Natural do sítio de Chã da Casinha, Monchique, pertencia à Companhia de Cavalaria 2300, do Batalhão de Cavalaria 2830. Morreu em Angola, de acidente, em 18 de Maio de 1968.

**Marcelino Duarte** – Soldado atirador, natural de Marmeleite, pertencia à Companhia de Caçadores 509. Morreu afogado na Guiné (talvez em situação de combate), a 29 de Outubro de 1963, tendo ficado sepultado no Cemitério de Nova Lamego.

**Orlando José Quinta Nova** – Soldado de Cavalaria, pertencia ao Esquadrão de Cavalaria 403. Nasceu em Monchique em 1946 e faleceu de acidente, em Angola, a 19 de Janeiro de 1969. Está sepultado no cemitério de Monchique.

**Vidaul da Conceição Inácio** – Natural do Maçarotal, Monchique, era soldado de Artilharia e pertencia à Companhia de Artilharia 2763. Morreu em Moçambique, de acidente, a 10 de Novembro de 1972.

## ANÁLISE CRÍTICA E COMPARATIVA

Destaque-se, que três das mortes se deram em Angola em 1961, isto é, no ano em que começou a luta pela independência.

O 1.º comunicado oficial das Forças Armadas, sobre Angola, datado de 30 de Junho de 1961, refere a morte de 50 militares, entre 4 de Fevereiro e 30 de Junho, encontrando-se entre estes falecidos José António Nobre Baiona (08.06.1961), e José António Valério Malveiro (13.06.1961).

Esta lista de nomes poderá não estar completa, até porque ela só insere os mortos por concelho e freguesia.

No cômputo algarvio, e tendo em conta a sua população, Monchique foi dos concelhos do Algarve que mais filhos deu à Pátria, sendo apenas ultrapassado por Silves (29), Olhão (33) e Loulé (38). Portimão, Faro e Tavira tiveram 20 mortos, Lagoa (17), Lagos (13), Albufeira (12), Vila Real de Santo António (12), Alcoutim (10), Aljezur (7) Vila do Bispo (6), S. Brás de Alportel (6), e Castro Marim (6).

Dos mortos monchiquenses apenas dois não pertencem à classe de praças, sendo um furriel da Força Aérea e o outro furriel do Exército, o que contrasta com as baixas de concelhos como Portimão e Faro, onde se encontram uma elevada percentagem de oficiais e sargentos, sobretudo milicianos: Faro 5 oficiais e 3 sargentos, e Portimão 8 sargentos. O facto justifica-se por Monchique ser um concelho essencialmente rural, onde na maior parte dos casos a escolaridade não ia além da 4.ª classe.

Ao contrário de algumas terras do Algarve, como Faro e Tavira, Monchique nunca teve no seu cemitério um talhão dos combatentes, que também nunca existiu nos cemitérios das freguesias.

Hoje, os eleitos autárquicos teriam aqui matéria para dedicar um memorial aos combatentes da Guerra Colonial (de que o melhor exemplo é Lagoa), local onde se poderia também inscrever o nome dos mortos da Grande Guerra de 1914-1918.

Nesta relação cabem apenas os mortos, embora entre os regressados houvesse feridos, deficientes de guerra e condecorados com as várias medalhas militares.

O que aqui ficou dito passou-se há 40 anos e a memória dos homens é bastante curta. Numa época em que a morte está tão banalizada pelos acidentes na estrada, as doenças de sociedade e a televisão, a muitos parecerá estranho falar deste heróis mártires da já distante Guerra Colonial.

Entre os condecorados por feitos distintos em combate poderemos citar os monchiquenses: José Baiona Júnior, que era cabo da Marinha quando foi condecorado com a «Medalha de Cobre de Serviços com Palma», por feitos heróicos e conduta notável em campanha na Guiné; Hélder Marques do Carmo Águas, furriel miliciano da Companhia de Artilharia 643, condecorado em 1966, com a Cruz de Guerra de 3.ª classe, por feitos em combate na Guiné; José Manuel da Silva Furtado, alferes miliciano de Infantaria, da Companhia de Caçadores 3470, que foi gravemente ferido em combate e recebeu a Cruz de Guerra de 3.ª classe.

Hoje como ontem os combatentes da Guerra Colonial continuam esquecidos, abandonados e perseguidos, ou «vivendo mal», como denunciou recentemente António Lobo Antunes, na sua crónica da Visão.

Antes do 25 de Abril as mães não podiam abrir a boca para falar dos filhos que tinha tombado nesta guerra, com receio da PIDE. Depois do 25 de Abril, os combatentes foram alvo da discriminação imposta pelos democratas que tomaram conta do poder, muitos deles desertores exilados.

---

*Comércio de Portimão*, 2170, de 19.06.1989, p.1 e 4.

Ordem do Exército., 12/III/66, p.096.

O.E.12/II/73 VII, p.320.

*Visão*, 19.06.2008, p.18, «Crónica descosida porque me comovi».

Ao contrário dos militares que hoje partem voluntários e bem pagos para as várias missões em que Portugal participa, sempre com pompa e a televisão a cobrir a sua partida e chegada, aos combatentes das guerras de África só era permitido falar aos media pelo Natal, a única altura em que as câmaras da RTP se abriam às mensagens enviadas às famílias.

#### TEXTOS DO AUTOR SOBRE A GUERRA COLONIAL

- «Os Mortos-vivos da Guerra Colonial», *Barlavento*, Portimão, de 12.05.1994.
- «Geração “Guerra Colonial”», *Povo do Algarve*, Portimão, de 14.04.1998, p.2.
- «Confraternização da CCAÇ 3413», *Povo do Algarve*, Portimão, n.º 67, de 05.05.1998, p.3.
- «O meu 25 de Abril, 30 anos depois», *Barlavento*, Portimão, de 12.04.2004. Disponível na Internet.
- «Livros sobre a Guerra Colonial», *Jornal da AACA*, n.º 2, Dezembro de 2006. Disponível na Internet.
- «Governo Retira Direitos aos Ex-Combatentes Ostromizados», *Jornal da AACA*, n.º 3, de Fevereiro de 2007. Disponível na Internet.
- «Dois Monchiquenses heróis e mártires de Madina do Boê, em 1965», *Jornal de Monchique*, n.º 288, de 28.02.2007, p.5. Disponível na Internet.
- Armando Maçanita e o Batalhão de Caçadores 96, na tomada de Nambuanguongo, em 1961: um contributo para a História da Guerra Colonial*, Portimão, 2008.
- «Os Mortos Monchiquenses da Guerra Colonial», *Jornal de Monchique*, n.º 300, de 30.07.08, pp.6-7.
- «Os Sem Abrigo da Guerra Colonial», *Edição Especial*, n.º 29, de 22.08.08, p.22.
- Memória dos Dias Ausentes: uma crónica da Guerra Colonial*, inédito, 1982.